

# POSSIBILIDADES DE LEITURA DE IMAGENS ATRAVÉS DAS ARTES CÊNICAS<sup>1</sup>

Nara Salles<sup>2</sup>

Início com as palavras de Paulo Freire “a leitura do mundo precede sempre a leitura da imagem/arte e a leitura desta implica a continuidade da leitura do mundo”. Dessa forma, não há leitura de imagens que não seja influenciada pela experiência de vida do leitor. Ao mesmo tempo, a leitura estética vai ampliar a leitura do mundo. Lembrando que a palavra estética<sup>3</sup>, é derivada do latim, e significa SENTIR e nesta ação se entrecruza uma teia de percepções presentes em diversas práticas e conhecimentos humanos; embora existam outros conceitos para estética, é sob esta acepção que a compreenderemos nesta fala.

Vou me restringir a duas possibilidades de leitura através das Artes Cênicas, que contempla Teatro, Dança, Circo, performance:

1- A arte teatral que acontece através da prática do Teatro. A palavra Teatro tem sua origem no termo grego THEATRON, que deriva do verbo “ver”, Theamai, e do substantivo “vista”, Thea, no sentido de panorama. Assim, THEATRON é o 'lugar aonde se vai para ver'. Do grego passou para o latim THEATRU, e para a nossa língua Teatro;

2- A dança: conceituada como uma seqüência de movimentos corporais, executados de maneira ritmada e/ou organizados no tempo e no espaço, em geral ao som de música, mas nem sempre. Ou seja, corpos em movimento no espaço, que podem ser observados e neste ato serem lidos.

---

<sup>1</sup> Artigo resultante da conferência apresentada no Seminário “O Lugar da Arte no Ensino Fundamental e Ensino médio na Educação Atual, realizado pelo Projeto Arte na Escola e Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB.

<sup>2</sup> Doutora em Artes Cênicas. Mestre em Antropologia Cultural. Professora da Unidade Acadêmica CHLA/UFAL nos cursos de Teatro e Dança..Coordenadora do Pólo Arte na Escola Alagoas e NACE-Núcleo Transdisciplinar de Pesquisa em Artes Cênicas e Espetaculares.

<sup>3</sup> Estética, do latim *aesthetica* e do grego *aisthetiké*, para a Filosofia conceituada como o estudo das condições e dos efeitos da criação artística na alma humana, tradicionalmente também é compreendido como o estudo racional do belo, quer quanto à possibilidade da sua conceituação, quer quanto à diversidade de emoções e sentimentos que ele suscita nas pessoas. Para nosso estudo e reflexão consideraremos tanto o belo quanto às emoções e sentimentos provocados na humanidade em contato com a obra teatral, mas principalmente o SENTIR.

A leitura de imagens através das Artes Cênicas (Teatro e Dança) acontece não só por meio de uma leitura visual, mas de sinestésias (SINESTESIA: Palavra derivada do Grego *syn*, juntamente + *aísthesis*, sensação, significa a relação subjetiva que se estabelece espontaneamente, entre uma percepção e outra que pertence ao domínio de um sentido diferente. Por exemplo, um perfume que invoca uma cor ou um som que invoca uma imagem; a leitura se dá com a presença dos corpos em ação, contendo sua energia e calor humano peculiar, contando histórias, ou propondo estados de sensação e rememoração do que foi vivido pelo indivíduo leitor, através da provocação dos sentidos: visão, audição, olfato e em algumas montagens o tato e a gustação.

Nas artes cênicas (Teatro ou Dança) podem ser re-criados acontecimentos imaginários ou reais, cujas conseqüências podem ser sentidas, percebidas e lidas através do corpo dos atores/bailarinos: ação física: gestos, voz e movimentos, aliados aos elementos cênicos: cenografia, texto<sup>4</sup>, iluminação, sonoplastia, indumentária, maquiagem, adereços. Este conjunto pode ser lido, decodificado, por cada pessoa que assiste como uma ação negativa ou positiva do ser humano, relativas as mais variadas instâncias do exercício da vida: história, amor, cognição, crença, ideologia, questões existencialistas, gerando questionamentos.

Uma possibilidade de leitura de imagens nas Artes Cênicas pode ser uma articulação entre o que foi vivido pela pessoa e a imagem que está sendo posta e a imaginação provocada neste ato. A imaginação diz respeito à articulação dos sentimentos, da afetividade, na compreensão dos símbolos

---

<sup>3</sup> Compreendido na acepção de Barba (1995): A palavra texto, antes de se referir a um texto escrito ou falado, impresso ou manuscrito, significa “tecendo junto”. Neste sentido não há representação que não tenha texto. Aquilo que diz respeito ao texto (a tecedura) da representação pode ser definido como dramaturgia, isto é *drama-ergon*, o “trabalho das ações” na representação. A maneira pela qual as ações trabalham é a trama.

presentes na cena e que expressarão esses processos no coração e mente de cada leitor.

A leitura das imagens cênicas (dança e teatro) é um *processo criador de significados*, e este e o *ato de conhecimento humano* estão ligados e, como já falei, dependem das estruturas presentes na “vivência” de cada pessoa. Pode-se fazer uma leitura apreendendo um novo conceito a partir das vivências e do universo simbólico presente em cada ser. Rubem Alves afirma que conhecer na realidade é reconhecer, o novo adquire um nome e um sentido comparado e relacionado aos conhecimentos anteriores.

Piaget afirma que “compreender” deve ser entendido como “inventar”. Todo ato de leitura e conhecimento envolve uma criação de nosso esquema conceitual. Apreendendo algo criamos uma significação, com base em vivências e conceitos.

Imaginando o indivíduo transcende ao já existente, cria novas relações entre símbolos e com a imaginação se pode transcender o existente e propor o que ainda não existe.

A leitura cênica interioriza os objetos e imagens conferindo-lhes significados. O símbolo ao ser decifrado pela pessoa através da cena, passa a possuir significado sensorial e emocional. A leitura de obras cênicas é parte fundamental no processo de ampliação da aprendizagem e deve estar presente nas escolas orientada por um especialista com no mínimo graduação: o Professor de Teatro ou o Professor de Dança.

O pensamento simbólico é a base para o ensino do Teatro e da Dança e faz parte do conteúdo da prática cênica, é o que dá à cena um significado para o indivíduo que faz a leitura da obra cênica. Com a capacidade de simbolizar é possível aproximar uma realidade distante e reduzi-la a modelos que se pode compreender. O filósofo alemão Schiller considera que a humanidade tem a capacidade de leitura por causa da aptidão que possui para simbolizar, as pessoas encerram em si um pensamento simbólico e isto o diferencia dos outros animais. O antropólogo Roberto

daMatta, afirma que nunca vimos e provavelmente nunca iremos ver um grupo de formigas reunidas em frente a um bolo de aniversário soprando velinhas para comemorar o nascimento e a passagem do tempo. O fato de ter esta característica, compreender o mundo através de símbolos, faz com que as pessoas se interessem tanto pela espetacularidade, pelo ato cênico, pela arte de uma maneira geral, tendo dessa forma a possibilidade de vivenciar uma emoção estética através da percepção e leitura do que está posto na cena.

Quando os alunos estão apenas descrevendo o que está objetivamente à sua frente, estão, na verdade, interpretando. Suas falas são interpretações do que vêem. Tais interpretações são geradas nos contextos por eles vivenciados, pois nada pode ser interpretado sem uma conexão com o mundo com o qual se vive. Por isso não podemos impor uma interpretação e uma compreensão do ensino do Teatro e da Dança, de acordo com o que pensamos ser adequado; de acordo com a nossa vivência e experiência estética. A compreensão estética é uma construção social, pois as idéias articuladas durante a leitura são engendradas nos (e pelos) contextos culturais e seus discursos.

Para que a leitura estética possa ser um elemento fundamental, essencial, no processo educacional, e que tenha significado para a vida dos alunos, temos que ampliar nossas concepções sobre esse assunto. Ler uma imagem é fazer-lhe, implicitamente, perguntas. Compreendê-la é ter as perguntas respondidas por ela. Fizemos perguntas, sempre, mesmo que inconscientemente. Empreendemos perguntas para significar o mundo, pois o ser humano tem necessidade de interpretar tudo, sempre, desde a mais tenra idade.

Assim, para fazer orientar os alunos em uma leitura de obra de artes cênicas temos que responder antes a nós mesmos algumas questões, como: O que os alunos poderiam ver na imagem em ação? O que poderão enfatizar quando a analisam? Como interpretam? Que critérios usam para

julgar? Por que alunos de diferentes níveis e contextos lêem de formas diferenciadas? Quais são os pressupostos que os alunos trazem? Como é, realmente, a leitura do aluno? Pode-se impor uma leitura?

As abordagens formalistas que reduzem a leitura estética somente à percepção dos elementos e princípios da composição, que se interessam apenas pela organização e pelo estilo da obra, têm se mostrado ineficientes para proporcionar uma alfabetização estética. É importante saber que ensinar um vocabulário estético não é o mesmo que favorecer a construção de idéias estéticas. Os alunos constroem, gradualmente, uma teoria de arte, que usam para explicitar a sua compreensão. Essa teoria são as idéias que os alunos adquirem durante suas experiências cotidianas, em seus encontros com trabalhos artísticos. Às vezes, tais idéias podem parecer erradas, ou em desacordo com o que pensamos que eles devem saber. No entanto é daí que temos que partir, para ampliar suas idéias estéticas, que, no início são realmente limitadas.

Enfim, a concepção de leitura estético-visual que pode orientar uma proposta para o professor de Teatro ou Dança, poderia ser vista sob uma concepção que respeita os modos de construção do conhecimento estético dos alunos. Uma concepção que pretende ultrapassar os (ainda usados) enfoques formalistas<sup>5</sup>, muito usados durante a crítica de arte no Modernismo (durante a primeira metade do século XX), onde a prioridade era a obra e não o leitor ou o contexto.

Os modernistas ao olharem somente para o contexto de origem da obra, e não ao contexto da recepção, mantêm uma abordagem relativamente conservadora na cena contemporânea, enquanto que uma orientação quanto à importância do contexto e da interpretação é a base de muitos pontos de vista contemporâneos. Nossa abordagem é coincidente

---

<sup>5</sup> Segundo palavras de Ana Mae Barbosa: "Para Roger Fry, um dos primeiros formalistas modernos vinculados às artes visuais, a análise de uma obra deve priorizar os elementos do design: equilíbrio, ordem, ritmo, padrão, composição" (1998, p. 47).

com esta, ultrapassando a ênfase na percepção das qualidades visuais para centrar-se nos aspectos interpretativos das imagens. Certamente os elementos formais não podem ser negligenciados quando sua abordagem for oportuna para a interpretação das obras pelos alunos.

Acreditamos que ao respeitar as condições e a natureza da construção do conhecimento estético, a leitura possa ser aquele elemento fundamental e, sobretudo, significativo para a vida dos alunos, e não apenas mais uma tarefa a ser cumprida.

### **Considerações Sobre Poética:**

A “poética” refere-se não só a essência da poesia, mas de toda e qualquer arte e também da arte cênica (Teatro ou Dança). Seu campo de visão abrange também a imitação da natureza através das cores, sons e ritmos. A “poética” tem muitas intenções: discute os diversos meios apropriados à gênese a partir do ser natural, à transferência de algo do estado de não ser para o de ser (*poiesis*). Afirma também que a qualidade belo só pertence às obras de arte cujo autor conseguiu compor mitos. O mito como quer que seja concebido, desempenha um papel decisivo em obras poéticas, como a epopéia e a tragédia. Existe uma relação intrínseca entre mito e arte, pois mito e arte são o fundamento da vida primordial dos povos em todos os tempos e em todas as épocas. Quase toda manifestação artística é inicialmente ligada ao mito e ao sagrado. Segundo Claude Lévi-Strauss o mito não era originariamente separado de um ritual festivo e solene que elevava a humanidade a uma esfera mais alta, numa celebração que não era apenas uma imagem pura e simples de um acontecimento mítico, mas uma vivência mítica. O divino em que as pessoas se sentiam abrigadas, não era para, por exemplo, os gregos “um outro mundo” onde se refugiavam aqueles para quem a realidade mundana encontrava-se sem a presença do divino, do sagrado, mas sim aquilo que se apodera da humanidade se configurando na claridade dos sentidos e do espírito. Não

falavam de um criador e senhor, mas de um ser eterno que se manifestava configurado (Deus Dionísio).

## **Bibliografia**

AKOUN, André. Dicionário de Antropologia. Lisboa: Verbo, 1983.

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. A Poética Clássica. Tradução direta do grego e do latim de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1990.

BARBA, Eugenio. A Arte secreta do Ator. Campinas: Unicamp, 1985.

BONFITTO, Matteo. O Ator Compositor. São Paulo: Perspectiva, 2002.

DaMATTA, Roberto. Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social. Rio de Janeiro: Ed. Rocco. 1987.

ELIADE, Mircea. Imagens e Símbolos. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. São Paulo: Cortez, 1983.

LEVI-STRAUSS, Claude. Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1957.

LEVI-STRAUSS, Tristes Trópicos. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

PARSONS, M. J. Compreender a arte: uma abordagem à experiência estética do ponto de vista do desenvolvimento cognitivo. Lisboa: Presença, 1992.

SALLES, Nara. Sentidos: Uma Instauração Cênica - Processos criativos a partir da poética de Antonin Artaud. Tese de doutorado. PPGAC/UFBA. Salvador: mimeo. 2004.

SALLES, Nara. Sobre o Processo de Criação Para a Encenação de O Jato de Sangue de Antonin Artaud. In: Xi Ciclo De Estudos Sobre O Imaginário. Pós-Graduação Em Antropologia Cultural, *Anais ... Recife*, outubro, 2000.